



# *Presença*

Fundação Cuidar o Futuro



# Presença

J U L H O  
A G O S T O  
1955 — N.º 10

J. U. C. F. — FILIADA NA "PAX ROMANA"

## Sumário

*Poesia*

*Investidura*

*Colaborando com Deus*

*O Problema das Origens*

*Aspectos da actuação da criança na vida escolar*  
*Pausa*

*Será possível esquecê-los?*

*Férias no Estrangeiro*

*Sobre o conceito de intelectual*

*Impressões da visita a uma fábrica*

*Férias em Portugal*

*Aqueles que vale a pena ler: Charles Déguy*

*Noticias de todo o Mundo*

*Página de Antologia*



*Deus, desejaria ser muitos peregrinos  
para, longo séquito, caminhar para Ti,  
e ser um grande pedaço de Ti,  
ó Jardim das alamedas vivas.  
Quando caminho como sou, sòzinho,  
quem é que o nota? Quem vê que para Ti caminho?*

*Quem é que arrasto? Quem movo e quem  
converto a Ti?*

**Fundação Cuidar o Futuro**  
*Como se nada acontecesse,  
— continuam a rir. E eu alegro-me  
por ir assim, como sou: porque assim  
nenhum dos que se riem pode ver-me.*

**Rainer-Maria Rilke**

# INVESTIDURA

Os homens são tremendamente complexos. Apoderam-se de uma palavra ou de uma ideia, e durante algum tempo tudo subordinam ao que, entrevisto num clarão, os deslumbrou. Mas, por vezes, um de entre eles, sinceramente ou com reservado intuito, sempre abusivamente, faz disso bandeira e em nome dela oprime os seus irmãos.

Confundido o seu justo valor ideológico, desfeito o equilíbrio, palavra e conteúdo tornam-se odiosos, e por algum tempo (talvez tanto quanto haviam levado a ser entronizados) os outros homens riscam-nos do seu vocabulário e da sua vida comum.

Esta, a sorte da palavra **autoridade** entre muitas.

Porque ainda recente e dolorosa a experiência que do seu abuso fez o mundo ocidental, o conceito entrou em crise, e se nas sociedades humanas a massa o rejeita sempre que lhe é possível fazê-lo, aqueles a quem legitimamente foi confiada, tremem de a sentir nas mãos, prestes a empolgá-los, vinho forte que estonteia, rédea que ameaça constantemente volver-se em látigo.

É por isso que a consciência da autoridade se transformou em pesadelo que explica todas as demissões a que estamos assistindo hoje em dia: a fraqueza dos educadores, a morna complacência dos chefes, a pouca energia de cada um de nós.

Não se nos pede que invertamos de novo os valores, mas que sem prepotência nem timidez — os dois perigosos excessos — não receemos ser responsáveis da autoridade de que, pela nossa vocação, fomos investidos.

Abrem-se-nos em frente os meses de férias, no termo dos quais uma responsabilidade nova irá ser-nos entregue — autoridade apostólica, profissional, familiar, quem sabe? — uma autoridade de católica universitária, com certeza.

Mas essa recebêmo-la, há muito. Desde o Baptismo. E desde a primeira hora do nosso curso.

# Colaborando com Deus

Cada criatura traduz um pensamento divino. Surge nitidamente diferenciada no tempo e no espaço, perfeitamente única entre as da sua espécie.

E nas criaturas puramente espirituais a diferenciação vai tão longe que cada uma é única também na sua espécie.

Distinguem-se os anjos uns dos outros unicamente pela essência do seu próprio destino.

Às criaturas terrenas da mesma espécie cria-as Deus completamente individualizadas, não no modo essencial de serem, mas nos acidentes que as definem. Têm o homem muito de comum com os outros homens. Limitam-no as mesmas leis duma evolução bio-psicológica, caracterizam-no reacções semelhantes perante situações e factos determinados, angustiam-no as mesmas dúvidas, as mesmas fundamentais interrogações.

Mas individualizam-no condicionalismos de toda a ordem: a época em que vive; a raça de que descende; o passado denso duma Pátria e duma família, com seus preconceitos e grandezas, suas virtudes e seus erros; o clima atmosférico e social em que se desenvolve, tudo faz de cada caso humano um caso único.

Não basta, porém, dizer que cada indivíduo se situa num espaço n-dimensional e que é tal invocamente definido.

Tal afirmação, válida para as outras criaturas, carece de sentido no caso do homem. Foge-nos, no espaço em que o homem se movimenta e define, uma das variáveis: o espírito. Participação da natureza íntima de Deus, o espírito humano traz em si o selo do infinito e ultrapassa, por isso, o domínio do mensurável.

Mais do que em qualquer outra criatura terrena, Deus realiza em cada homem uma singularidade que tem como aspectos primários os dos condicionalismos já apontados, mas que se situa mais além. Com efeito, nenhum pensamento de Deus, ao concretizar-se, se repete. A inspiração divina é inesgotável. Cada ser corresponde, assim, a um pensamento único, original, com um significado especial na economia do universo. Cada criatura humana tem um destino próprio, uma missão típica a realizar. Mas não lhe basta ser, como à árvore ou ao átomo.

Feito à imagem e semelhança de Deus, o homem é livre de se determinar, de se definir. Definir-se-á na medida em que descobriu o pensamento de Deus a seu respeito. E a expressão máxima da sua liberdade de criatura está na integral vivência desse pensamento.

Aceitar-se como Deus o pensou é o acto que verdadeiramente singulariza o homem. Afastar-se do pensamento de Deus significa degra-

dação da liberdade. Traduz queda no anonimato, na vulgaridade, fuga à linha única do seu próprio destino.

O maior problema do homem reside, pois, na descoberta do sentido da sua vida. Não já a vida do homem em geral, como lha descrevem os compêndios de psicologia ou como a explicam cada uma das teses filosóficas a que pode aderir, a fundamentação da sua vida — para que existo eu? Que devo fazer? Que significado têm na minha vida todas as circunstâncias em que está envolvida? Como posso ser autenticamente eu e não uma cópia deformada e impessoal daqueles que me cercam?

Mas ao buscar a resposta a todas as interrogações que lhe dizem respeito, não pode o homem cair no erro de pensar que cada interrogação terá resposta clara e bem determinada. É frequente encontrarmos nas pessoas uma atitude de expectativa como se, de repente, tudo devesse ser-lhes revelado. Esquecem que a chave do destino tem de ser descoberta, sim; mas tem de ser, também, merecida. Só uma séria atitude de preparação, traduzida na plenitude de cada instante, na verdade e na pureza de cada intenção, pode levar cada alma humana a merecer a sua vocação.

Será assim toda a história do homem que estará presente nas opções que tomar, que o ajudará a decidir na escolha mais difícil, que o levará a ultrapassar o emaranhado dos múltiplos condicionalismos que o limitam.

Em cada momento, o homem tem de estar atento. Porque todos os momentos são decisivos, todos preparam a escolha, a resposta final.

E se o momento das grandes escolhas é aparentemente o que exige a actualização duma liberdade mais profunda, ele só é possível, se tiver sido preparado pelo uso, plenamente humano, da liberdade.

\* \* \*

Chegados a este ponto, se falarmos agora em **missão de educar**, vemos que tal expressão tem um sentido profundo que habitualmente nos escapa.

Na verdade — e retomando cada um dos aspectos encarados atrás — é ao educador que cabe, em grande parte, a explicitação do pensamento divino presente em cada existência humana. Educar é levantar o véu das múltiplas interferências de situação; é descobrir a singularidade que se esconde sob as aparências de todo o condicionalismo de tempo, lugar, hereditariedade, nível social.

Educar é encontrar, através duma pesquisa continuada, sistemática e atenta, o germen duma ideia divina; é procurar revelá-la, libertando-a de toda a garga inútil; é ajudar a dar-lhe forma, através da procura lógica de beleza e da procura apaixonada da Verdade.

Educar tem, assim, o sentido profundo de colaboração directa com Deus. Mas, para o realizar, penetra-se fundo na realidade última dos

seres, e, desse modo, educar conduz a um conhecimento mais real de Deus, e, portanto, a um amor mais verdadeiro e mais profundo.

Educar é descobrir um pensamento divino; mas é, também, ajudar a amá-lo e a vivê-lo, alargando ao máximo a liberdade individual. Para que cada criatura humana seja capaz de se determinar segundo o seu próprio modelo, é necessário que aceite esse modelo como o melhor para si, e que queira verdadeiramente realizá-lo.

Educar é precisamente ajudar a ver o que é melhor para cada alma, o que é autêntico e não cópia ou fraude. Educar é ajudar a fortalecer a vontade para que ela seja capaz de aderir e realizar o que é justo e bom.

A educação requer, assim, profundidade e maleabilidade que transcendem todas as técnicas e métodos.

E, encarada nesta perspectiva, não pode cingir-se apenas às crianças que directamente estão confiadas aos adultos.

Envolve uma atitude global do espírito, uma abertura de alma capaz de estender, para além de toda a miséria, de todo o embrutecimento, de toda a vaidade, o pensamento de Deus latente em cada homem.

Exige a atitude firme que aclara situações nebulosas e revela, na sua pureza, o pensamento de Deus; que combate os condicionalismos erigidos pelo orgulho e pelo egoísmo; que persiste no estudo e divulgação das ideias e princípios indispensáveis ao homem para que se compreenda a ele próprio, aos outros e ao mundo.

Exige também, e em igual medida, o profundíssimo respeito pelo pensamento divino presente no outro. Não pode constituir, por nenhum motivo (ainda que se trate do bem alheio) profanação do mistério da alma desse outro — não pode sacrificar o homem ao homem.

Requer, por isso, a suavidade da poesia e a intuição do génio — única possibilidade de apreender o segredo profundo dos seres sem lhes fazer perder a pureza essencial.

Sendo fundamentalmente a tradução de uma atitude de espírito, a missão de educar atinge todos os homens e todos os sectores da vida social. É a meditação dos mistérios de Deus nas almas dos que se cruzam connosco pelos caminhos da vida.

É, por isso, tarefa comum a todos os homens e, dum modo particular, aos mais responsáveis. Aqueles que receberam cultura em grau superior, possuem, por certo, uma técnica de pensamento e de estudo capaz de penetrar fundo, para além das aparências; hão-de possuir, também, o apurado sentido da beleza que se esconde nas coisas e nas almas. Não podem, tampouco esquecer que, se tal missão representa um serviço, é também um privilégio.

Penetrar o pensamento de Deus, levar uma criatura humana a descobrir o sentido da sua vida ou ter possibilidades psicológicas e sociais que facilitem essa descoberta, é graça especial que importa aceitar e cultivar.

Maria de Lourdes Pintasilgo

# O Problema das Origens

Já num artigo do número anterior da «Presença» nos ocupámos da estrutura do Universo. Vamos hoje falar da sua origem, ou melhor, das concepções que há a tal respeito.

Como surgiu o Mundo? Qual a sua evolução até ao presente?

— Eis as questões que de há muito apaixonam o espírito humano. Na sua avidez da descoberta, da explicação íntima das coisas, o espírito interroga, investiga, imagina.

São duas as fontes, que lançam alguma luz sobre o assunto, que dele se ocupam. Uma é o livro do Génesis — nele Moisés faz a narração da Criação; outra são os trabalhos de vários homens de ciência, que ousadamente, têm tentado uma explicação racional do Mundo, em face do que ele é actualmente. Claro que, esta última, como hipótese que é, tem que ser verificada, para ser aceite. Veremos primeiro como devemos interpretar a narração moisáica; depois referir-nos-emos ao conteúdo de algumas hipóteses cosmogónicas; não teremos o objectivo de dizer muito e profundamente, mas de algum modo contribuir para levar aqueles que se interessam por estes assuntos, a estudá-los e aprofundá-los. Estamos certos que neles se proporciona aquela evasão do espírito para o Infinito, aquele contacto com o Deus Criador, pelo qual a nossa alma aspira.

A Bíblia é antes de mais um livro religioso; são, pois, verdades religiosas e morais que Deus por ela nos quis revelar directamente. Portanto, ao interpretar o Génesis, em tudo o que se refere à Criação, não devemos pretender encontrar nele dados científicos mas verdades religiosas. Ora, as verdades fundamentais que dele resultam são: Deus é o princípio de tudo e criou o homem à sua imagem e semelhança. O próprio Leão XIII, na sua Encíclica «**Providentissimus Deus**» de 1893, nos diz: «O espírito de Deus que falava pela boca dos escritores sagrados, não quis ensinar aos homens verdades respeitantes à constituição íntima das coisas, porque elas não lhes serviriam de nada para a sua salvação».

E, reflectindo um pouco, se Deus falasse em linguagem científica, em qual se exprimiria:

Na de Newton ou na de Laplace?

Estaria já antiquada.

Na de Einstein ou Lemaître?

Seria incompreendida até há pouco e, tornar-se-ia, talvez, novamente incompreensível no futuro.

De facto, só falando na linguagem espontânea e simples, que a aparência das coisas faz brotar, é que pôde ser feita uma obra eterna. Deus fala, pois, para todos os homens de todos os tempos e de todas as condições, na única linguagem possível.

A carta da Comissão Bíblica ao Cardeal Suhard de 16 de Janeiro de 1948, segue a mesma ordem de ideias, dizendo: «Os primeiros capítulos do Génesis dão-nos, numa linguagem simples e figurada, adaptada às mentalidades duma humanidade pouco desenvolvida, as verdades fundamentais que estão na base da economia da salvação».

Não procuremos, portanto, na narração de Moisés, verdades científicas quanto à Criação, e é inútil perocuparmo-nos como estabelecer acordo entre a Revelação e os últimos dados da Ciência.

O acordo existe. Mas a relação das verdades reveladas e dos dados científicos é que se não pode fazer, positivamente, em planos diferentes. Não obstante, já vários sábios, entre eles Lapparent, se esforçaram por o conseguir; foram há muito abandonadas tais tentativas, que só traziam desvantagens e oposições, que não têm razão alguma de existir e se poderiam até tornar perniciosas para a teologia e para o progresso científico.

Falemos, agora, das teorias científicas sobre a origem do Universo. Sendo hipóteses, têm de assentar na observação e de sair confirmadas pela experimentação para serem aceites.

Só depois da descoberta das leis fundamentais da Mecânica e da Física é que a Cosmogonia começou a tomar carácter científico, embora as teorias se não possam dissociar de elementos especulativos.

Antes de mais, somos forçados a admitir a universalidade das leis fundamentais da Física e da Mecânica no mundo do universo sensível, sem a qual cairíamos no domínio da fantasia e da imaginação.

Antes de mais, somos forçados a admitir a universalidade das leis fundamentais da Física e da Mecânica no mundo do universo sensível, sem a qual cairíamos no domínio da fantasia e da imaginação. Sendo o sistema solar a parcela do Universo que o homem começou primeiro a conhecer, é lógico que as primeiras teorias cosmogónicas tentem explicar o sistema solar. Podem-se classificar as diferentes hipóteses em dois grupos principais: Hipóteses Meteoricas e Hipóteses Nebulares. As primeiras supõem uma acumulação primitiva de pequenos corpos discretos, que se movem e se chocam de tempos a tempos; os principais representantes são Kant, Faye, Ligondès e W. Meyer. As segundas supõem um estado gasoso da matéria primitiva, no qual as partículas gasosas se movem livremente. Como principais representantes destas teorias temos Laplace, Birkeland e Belot. Há, ainda, um terceiro grupo que supõe que o nosso sistema solar foi originado pela colisão de duas estrelas, com carácter catastrófico. São as hipóteses estelares de Chamberlain-Moulton, Arrhemins, Jeans, etc.

Vejamos, por exemplo, o que nos diz a hipótese de Laplace, uma das primeiras e que teve mais voga.

Laplace admitia a existência duma imensa massa gasosa em rotação, à qual deu o nome de nebulosa. Esta nebulosa, contraindo-se sob o efeito da sua própria gravidade, deveria, segundo as leis da Mecânica, girar cada vez mais rapidamente e tomar, por consequência uma forma cada vez mais achatada.

Laplace supôs que quando a força centrífuga, no Equador, se tornou superior à força da gravidade, a nebulosa abandonou uma fraca

porção de matéria, que formou um anel achatado, análogo ao de Saturno; continuando-se a contracção, vários anéis se teriam assim formado. Cada anel ter-se-ia em seguida condensado em um planeta gasoso, que, por sua vez, por um mecanismo análogo, mas em menor escala, teria originado os seus satélites. Daí resultaria a concordância dos sentidos de rotação, a pouca inclinação relativa dos planos das órbitas e a sua pequena excentricidade. A teoria, muito bem aceite de início, foi tendo objecções, à medida que se foi conhecendo mais profundamente o sistema solar. Uma delas é a não explicação dos movimentos retrógrados, havendo ainda outras.

Assim, foram surgindo as hipóteses cosmogónicas. O homem, sentindo o desejo profundo da explicação total, elabora hipóteses e verifica-as. A de Laplace está sendo posta de lado, à medida que novos misticismos são abertos à Astronomia. A complexidade do sistema solar vai-se desvendando e a teoria torna-se cada vez mais impotente para tudo explicar. Por isso, outras surgem: primeiro, com carácter de aperfeiçoamento das anteriores; depois, com carácter totalmente novo, à medida que as anteriores deixam de ter pontos a explorar e modificar.

Supõe-se, actualmente, pouco provável que os planetas tenham sido destacados do Sol, dada a diferença de constituição; antes, parece mais certo que tenham resultado da explosão duma estrela, que com o Sol formasse um sistema binário; todos os fragmentos da explosão teriam sido lançados para longe, excepto porções de gás, que, condensado, originou os planetas. O companheiro do Sol seria, talvez, uma super-nova e a temperatura da explosão tal, que fosse possível a transformação do hidrogénio em Hélio e do Hélio em elementos de peso atómico superior, que se encontram na Terra e nos outros planetas.

Mas o Cosmos vai-se abrindo à inteligência e saber humano. O sistema solar não existe isolado, mas integrado numa galáxia, e essa galáxia não existe só, antes num Universo povoado de outras semelhantes.

E o Homem, na ânsia de abarcar tudo, transpõe o sistema solar e lança-se, ousadamente, numa explicação total do Cosmos. Para isso, dispõe dos elementos científicos, das últimas aquisições da Astronomia. É tendo-o em vista, que a hipótese surge. Aceitar-se-á até ao momento em que apareçam contradições, ou seja, em que aspectos fundamentais da estrutura do Universo deixem de ser explicados por ela.

Há, também, dois tipos de teorias, quanto à origem das galáxias: umas supõem que a matéria existia inicialmente no espaço, sob uma forma muito difusa, e se condensou em galáxias; outros, guiados pela teoria da expansão do Universo, a que já nos referimos, pensam numa evolução em sentido contrário.

As teorias expansionistas interpretam como um movimento real das galáxias, o deslocamento para o vermelho dos seus raios espectrais. Mostra-se que o Universo finito descrito pela Teoria da Relatividade não pode ser estável, isto é, não pode manter dimensões constantes; portanto, parece lógico interpretar a «fuga para o vermelho» como uma dilatação

do Universo. Os cálculos actuais dão que, as distâncias, que separam as galáxias entre si, duplicarão num tempo pouco superior a um bilião de anos. Admitindo a velocidade de expansão constante, se recuarmos para o passado, somos forçados a concluir que as dimensões do Universo foram cada vez mais pequenas, à medida que recuamos — e isso até ao momento em que fosse impossível ir mais além. Lá, nesse momento, estaria a origem da evolução. Digo a origem da evolução e não a origem do Mundo, pois a matéria poderia já ter sido criada e só nesse instante entrar em actividade. Os cálculos conduzem à fixação desse instante, há uns 2 ou 3 biliões de anos, o que está de acordo com a idade determinada para a Terra pelos mais recentes métodos.

L'abbé Lemaître apresenta uma hipótese muito curiosa no seu livro «L'Hypothèse de l'atome primitif»; segundo ele, o Mundo teria nascido dum só átomo, que se teria fragmentado por ser radioactivo. A massa deste átomo seria igual à de todo o Universo. Lemaître apresenta vários factos a favor da sua teoria. Lembra, por exemplo, que a radioactividade é uma propriedade geral da matéria. Por outro lado, a desintegração está de acordo com o princípio da degradação da energia. Parece, também, pouco provável que os átomos pesados resultem da combinação de átomos leves; é mais plausível que provenham da destruição de átomos ainda mais pesados. O átomo primitivo não teria sido dum elemento transuraniano, mas provavelmente um isótopo de grande massa dos elementos actualmente conhecidos. Com a sua hipótese responderia, também, à pergunta angustiosa que se põe aos homens de ciência sobre a origem dos raios cósmicos.

Radiação ultra-potente, que chega até nós, não se sabe bem donde, e cuja intensidade aumenta à medida que nos elevamos na atmosfera. Tem sido muito estudada e foi determinada a sua constituição: — radiações corpusculares, carregadas elètricamente e componentes do tipo electromagnéticos, semelhantes à radiação  $\gamma$ , emitida pelos corpos radioactivos. Lemaître admite que os raios cósmicos datam da desintegração inicial do átomo primitivo; e, desde então, estariam continuamente circulando num mundo fechado.

Não obstante, esta hipótese também se não impõe, no estado actual da Ciência. Há que, fundamentalmente, reconhecer que o nosso conhecimento do Universo é imperfeito e limitado, para sermos capazes de elaborar uma teoria que abarque tudo.

Mas, longe de ser um entrave, esse facto deve impelir-nos, incessantemente, no estudo do mundo para deje formarmos uma ideia cada vez mais inteligível e, por ela, glorificar a Deus. As diversas hipóteses estão longe de ser mera especulação sem valor. Todos sabemos o papel fundamental da hipótese na Ciência. Alguém a comparou a uma chave com a qual tentamos abrir uma porta fechada. Ora, será de desistir de abrir a porta, se a primeira chave não entrar? — Com certeza que não; há que experimentar outras, até podermos transpor o seu umbral.

*(Continua na pág. 15)*

# Aspectos da actuação da criança na idade escolar



A idade escolar, é uma época da vida das crianças a que normalmente se não dá toda a importância que merece. E isto é, talvez, devido ao desenvolvimento físico e mental se efectuar mais suavemente ou ao facto de a saúde da criança não exigir já tantos cuidados especiais e contínuos, se não é o caso, sobretudo, de muitos pais se convencerem ou pelo menos, agirem como se houvesse terminado toda a responsabilidade pela educação dos filhos, desde o momento que os confiaram a uma escola.

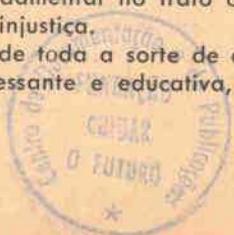
A criança desta idade, apresenta várias características que é necessário conhecer, para se poder realmente educá-la no verdadeiro, no grande sentido da palavra.

Quem não observou uma criança entre os 6 e os 12 anos, que não tivesse notado nela o desejo de ocupar um lugar como indivíduo responsável e de se tornar independente da família? Não significa isto, que a criança queira menos a seus pais; mas que-rlhes numa forma diferente e, sobretudo, demonstra-o menos do que até aí.

Se dos 3 aos 6 anos as crianças estão na fase de imitar os adultos, em especial os pais, que são para eles, seres excepcionais (os psicólogos chamam a isto identificação); na idade escolar entram no período de imitar os da sua idade, e disso resulta, muitas vezes, o desprezo pelas boas maneiras, que tanto desgosta os pais.

É nesta altura que surge a tendência para se formarem em grupos e associações com leis e regulamentos, o que no fundo não é mais que a materialização da ideia de serem capazes de agir sòzinhos. Os próprios jogos começam a ser jogos de regras fixas que exigem a concentração da inteligência e o sentido de justiça adquire uma grande importância, razão porque os erros são punidos entre eles severamente pelo sistema «olho por olho, dente por dente». Por isso é fundamental no trato com as crianças desta idade, não cometermos nenhuma injustiça.

Este espírito leva-as ainda a fazer colecções de toda a sorte de objectos, o que pode resultar numa ocupação interessante e educativa, se soubermos estimular e orientar esta tendência.



Nesta fase tão importante da vida da criança, surge a escola com enorme quantitativo de novas aquisições para o espírito infantil ávido de coisas novas. Tudo o que é apresentado na escola, deve ter um significado real porque a criança está na idade dos interesses objectivos e deve ser apresentado de forma a que se mostre a finalidade das coisas quanto possível relacionada à vida da própria criança, porque esta por natureza refere tudo a si. A escola e a família devem interpenetrar-se de tal forma que uma complete a outra e os assuntos estudados devem constituir um todo interessante e claro, integrante de escola e da família.

É de grande vantagem que a família dê à criança toda a experiência possível na solução dos seus problemas e que lhe permita conversar muito e ouvir ler em voz alta porque isso torna-a mais apta a perceber o significado de muitos termos e conceitos.

A criança não ganha muito em estudar em casa; a escola permite-lhe trabalhar em comum, partilhar responsabilidades e aprender a apreciar-se reciprocamente. Aos pais compete ter um plano coerente de orientação. Mas nem eles, nem o professor, nem o sacerdote, isolados, bastam para resolver todos os problemas da educação dum menino; todos juntos, colaborando quando necessário com o médico, observando as diversas facetas da criança, hão-de realizar a magnífica tarefa de formar não só o homem, mas o cristão para a terra e para o Céu.

A influência dos pais é a primeira a atingir a criança. E, assim, tudo o que ele observa fora da família é interpretado em função do lar. Por isso, quando as normas e as ideias duma família são boas, é natural que a criança ponha de lado as normas e as ideias que não condizem com o que se passa em casa. A família deve estar, sempre, na base da solução de todos os problemas infantis.

Relacionado com a escola, um dos problemas que mais frequentemente surge, é o do baixo rendimento em matéria de estudo e de aprendizagem. Quando isto se verifique, os pais ficam tão desorientados diante do que pensam ser preguiça, teimosia ou falta de vontade, — para os pais, a descoberta e aceitação de que o filho é ou está, temporariamente, em nível mental inferior à média, é difícil de aceitar — que não procedem com bom senso, geralmente.

A criança pode ser desadaptada à escola, por qualquer anomalia física como ouvir ou ver mal, por enfermidades crónicas ou até por fadiga. Uma vez removido o obstáculo, tudo se normaliza. Mas, se essa desadaptação é do ponto de vista psíquico, má memória, inconstância, distracção, nervosismo, desequilíbrio emocional, convém consultar um médico da especialidade, porque as pequenas perturbações levam, muitas vezes, a transtornos graves.

É muito perigoso confundir as verdadeiras inquietações intelectuais, com a ambição dos pais. Nunca se devem exigir resultados que superem as forças das crianças, quer na escola, quer na arte, no desporto ou na vida social. Deve-se permitir que a criança cresça feliz e confiante, desenvolvendo a sua capacidade duma forma normal e saudável.

As preocupações, os desgostos, a desarmonia familiar influem poderosamente na aplicação da criança e paralisam o seu espírito, infundindo-lhe temores que a absorvem completamente, impedindo-a de pensar noutra coisa. Tudo isto depende essencialmente da família, pois um lar agradável, onde há ensejos de fazer coisas interessantes, onde os pais não estejam afastados dos filhos, onde os interesses das crianças sejam incentivados, onde as instruções que há a dar-lhes sejam claras e directas frisando o que é importante — e quantas vezes as crianças não nos entendem, porque lhes dizemos palavras a mais —; onde os pais conversem com os filhos a respeito dos factos importantes e actuais; onde se facilite à criança realizar tudo aquilo a que a impele a sua curiosidade, animando-a depois a narrar as suas experiências; onde o trabalho que há a executar não seja precedido de lamúrias, porque isso não passa despercebido à criança; onde os pais respeitem os filhos, não os repreendendo sem indagar o que se passou, não aceitando convites em seu nome sem os consultar, etc.; uma família assim terá, certamente, filhos ajustados à vida, crianças seguras e confiantes.

Há que eliminar as dificuldades que surgem, mediante um esforço combinado, indo até à origem, à razão oculta. Mas, se esse motivo não se põe a claro, devem aproveitar-se sempre as aptidões, os lados bons, as qualidades com uma ajuda inteligente. É preciso ser-se muito prudente na forma de ajudar. Se a ajuda diz respeito à escola, a explicação deve ser clara para não estabelecer confusão entre o que os pais dizem e o que o professor ensinou. Se este pedido de auxílio for accidental, torna-se até muito útil; mas, se é frequente, há que falar com o professor.

A ajuda é precisa e precisa, mas temos que não consentir com ajudar e nunca fazer, de forma a que as crianças tenham a liberdade de tomarem as suas próprias decisões, embora nem sempre sejam as mais acertadas, sofrendo assim, as suas consequências. Habitue-mo-las a aceitarem derrotas e injustiças, porque, mais tarde ou mais cedo, terão que enfrentar situações em que não poderão vencer ou em que sofrerão um tratamento injusto. E isto sem irritações, lamentos ou perdas de confiança.

Outros problemas são, ainda, frequentes nas crianças desta idade, tais como os que se relacionam com a origem da vida, a mentira, o medo e o furto.

Antes dos 6 anos, a criança não tem bem exacta a ideia do que não é seu. A primeira reacção do adulto em face dum furto é repreender violentamente e envergonhar a criança, atitude natural e compreensiva, mas não prudente ou acertada. Antes de tudo, há que averiguar porque cometem as crianças o roubo. Geralmente, fazem-no por se sentirem sós, desenhraizados, sem carinho, por ciúmes ou ainda por rancores que se instalam no subconsciente e não por necessidade ou cobiça. Não se deve envergonhar a criança, se ela o fez impelida por algum destes sentimentos. Será altura de a apoiar mais e dar-lhe mais carinho e amizade. Depois, quando tudo passou, não falar mais, pois não é digno relembrar uma falta confessada e perdoadada.

Há, ainda, o tipo da criança que rouba, porque vive num meio, onde isso não é considerado mau, ou ainda por influxo dos bandos de pequenos que se agrupam para roubar e que o fazem quer por influências externas, quer pelo gosto inato de aventura. O roubo pode, ainda, surgir, derivado a deficiência mental ou a perversidade. Mas o temperamento perverso é sempre patológico e raro. Nestes casos, a solução é dar à criança suficiente quantidade de distrações e interesses, tratamento psiquiátrico e mudança de ambiente.

O problema da mentira tem muitas vezes a mesma origem que o do furto. A criança por natureza não engana e quando o faz é porque experimenta alguma contrariedade, por medo, ou porque vive demasiado da sua imaginação, não sabendo bem onde acaba a fantasia e onde começa a realidade. Neste caso, convém averiguar se a sua vida real a não satisfaz, pois, muitas vezes, como se torna difícil à criança situar-se na vida que a rodeia, ela cria o seu mundo imaginário onde se refugia. O medo de dizer a verdade, a falta de confiança naqueles a quem tem de a dizer, o viver num ambiente onde a verdade não seja respeitada, leva facilmente à mentira. A criança será mais verdadeira, se viver num ambiente onde a verdade seja sempre encontrada.

Não se lhe deve exigir, com violências, que diga a verdade, mas convencê-la com seriedade e firmeza que há que dizer a verdade, pois não é necessário que minta, para que a ajudem a resolver os seus problemas. Muito embora os pais reprovem o seu acto, não lhe querem menos por isso.

Todos os problemas relacionados com a origem da vida que já surgiram a partir dos 3 anos, aparecem agora, mas com maior agudeza.

Se durante os primeiros anos da vida da criança lhe bastou saber que antes de nascer ela esteve mesmo ao pé do coração da sua mãe, agora interessa que comece a conhecer gradualmente e de forma adaptada às suas possibilidades de compreensão, a verdade total. Devemos responder-lhe sem nos espantarmos nunca com coisa nenhuma, seja o que for, actuando sempre com inteligência e delicadeza e falando tão claramente e simplesmente como a criança o fez. Nunca se deve falar com ar solene, mas em intimidade e com muito carinho. É sempre melhor esperar pelo momento oportuno e não forçar confidências, perguntas ou explicações, muito embora, como diz o P.<sup>o</sup> Brandão no livro «A Educação da Castidade» seja preferível adiantar um ano a atrasar um dia, porque:

*«Le coeur de l'homme est'un vase profond  
Lorsque la première eau qu'on y verse est impure  
La mer y passerait sans laver la souillure» — (Musset).*

Por volta dos 10 anos, a criança encontra-se numa fase de grande estabilidade. Os hábitos fixam-se nesta altura e, daí, a grande vantagem de levar as crianças à prática dos Sacramentos, porque essa estabilidade vai ser abalada com a puberdade que se avizinha.

Entende-se por puberdade o período de rápido desenvolvimento psicossomático que precede a maturidade e não tem início numa idade determinada. As inúmeras trocas hormonais que vão transformar a menina em mulher e o rapaz em homem, não se repercutem só fisicamente, mas de modo especial sobre a emotividade. Como consequência destas modificações físicas, glandulares e emocionais, a atenção concentra-se mais na própria criança, começando a adquirir maior consciência da sua personalidade. Torna-se susceptível à menor advertência e tanto se sente grande, e como tal quer ser tratada por todos, como pequena, e quer sentir-se protegida e acarinhada. Torna-se afectuosa e sonhadora, mas não é capaz de exprimir os seus sentimentos íntimos. Certas psicoses nervosas manifestam-se nesta idade.

O normal desenvolvimento psicossomático da criança, depende essencialmente do que ela observa na família e da preparação que esta lhe deu e lhe dá. É a família que, em primeiro lugar tem a missão de educar, e tudo o resto, na ordem natural, não tem mais que uma função supletiva.

Na educação de qualquer criança, deve-se ter sempre presente, que embora ela não seja naturalmente boa como pretendia Rousseau, tem grandes potencialidades para o Bem, para a Verdade. O segredo duma boa educação consiste em saber dosear a alegria e o carinho; a constância e a firmeza; a compreensão e a paciência.

Maria Alice Rendeiro Marques

## Fundação Cuidar o Futuro

### O Problema das Origens

(Continuação da pág. 6)

De qualquer forma que se tivesse iniciado o Universo, na sua origem está o poder criador de Deus. A evolução relativa não exclui a Criação. É o que Eddington exprime dizendo: «O começo parece apresentar dificuldades insuperáveis, a menos que o olhemos como francamente sobrenatural».

No fundo, as diversas teorias exprimem o desejo humano de atingir o Absoluto, de descobrir os mistérios de Deus.



# Pausa

«Guardai a minha alma em paz  
e silêncio, como uma criança  
de encontro a sua mãe»

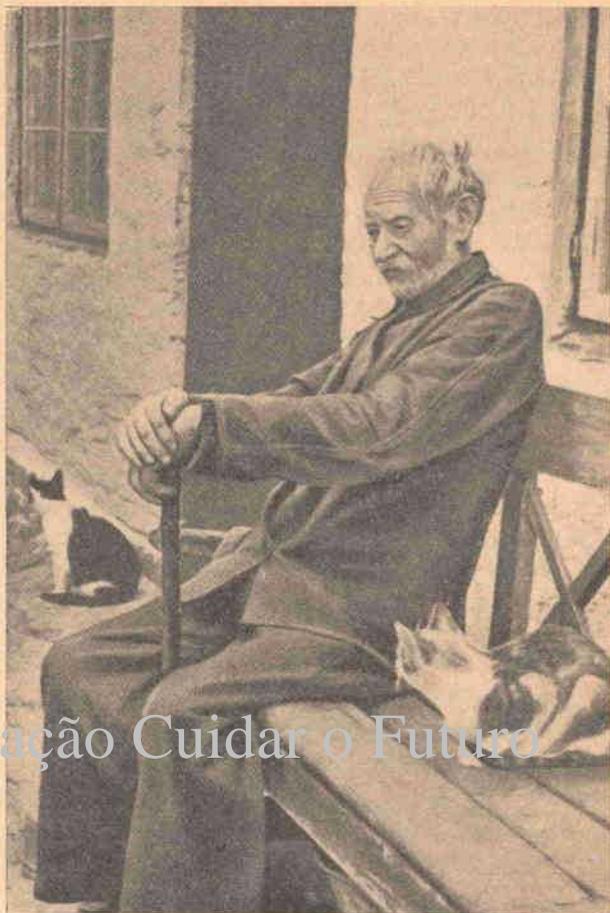
(Salmo 130)

Vieram estrelas  
Pela noite adiante  
    (Seria dia?)  
Rasgou-se a sombra  
No fundo do vale.  
    (Virá o sol-posto?)  
Nasceu a manhã  
Vestida de branco  
A rezar paz.  
    (Seria nova?)  
Cantaram sonhos,  
Mil sonhos loucos,  
Farrapos perdidos  
De rumos distantes.  
    (Valeria a pena?)  
.....  
E a noite e a manhã,  
E o vento norte a despertar  
    a alma,  
E a carne a doer.  
De tanta subida....

E o fruto maduro  
Ao alcance da mão  
E por isso mais longe...  
A sombra, a luz, o grito,  
A distância e o mar,  
Tudo o que diz sim,  
E está perto,  
Tão perto e tão longe,  
Tão novo e tão velho,  
Tão igual sem ser igual,  
Tão cansado de ser  
    Sempre outro!  
E a noite e o dia,  
Vitória e derrota,  
Esperança e limite,  
Pecado e resgate,  
Ouro, vida, flor,  
Rumo, estrela e asa!  
Venha o que vier...  
    (Silêncio, paz, mãe.)

Maria Luísa Guerra

Será  
possível  
esquecê-los ?



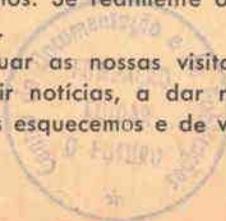
Fundação Cuidar o Futuro

Também nas férias os pobres são pobres. Também nas férias têm fome, dor e miséria.

E também nas férias nós somos cristãos. Por isso, ainda agora, neste tempo de verão, é a nós que o Senhor chama a acudir aos que sofrem.

Assim, que não fiquem interrompidas em férias as relações que mantivemos durante o ano com aqueles que servimos. Se realmente os amamos, o amor não existe só em tempo de aulas.

Vamos para longe. Não podemos continuar as nossas visitas; mas podemos escrever, de vez em quando. A pedir notícias, a dar notícias. Para que sintam a alegria de saber que não os esquecemos e de ver que,



mesmo distantes, mantemos contacto, com eles, como com outros amigos. Qualquer coisa a fazer-lhes sentir que nos aproximamos, não na atitude paternalista de quem protege, de quem dá apenas uma esmola, mas na atitude do irmão que visita o irmão e que o ajuda na hora da dor. É este agir assim, que leva a tomar consciência da própria dignidade, que é, ainda, servir.

Porque o pobre não espera de nós somente o auxílio material. Ele quer também e tem direito a auxílio espiritual.

E quando já assim não espera, quando sofreu tanto que esqueceu o próprio valor, mais um motivo para lhe mostrar o nosso respeito que talvez lhe vá despertar o sentido da sua própria grandeza.

Talvez encontremos, agora, no verão, o tempo de fazer a camisola que havemos de dar pelo Natal, ou os quadrados para as mantas com que se hão-de cobrir. E que cada quadrado leve um bocadinho de amor...

E depois, há os pobres das terras para onde vamos. Os que têm fome, os que não têm que vestir. E os que não têm com quem desabafar — quem sofra com as suas tristezas e se alegre com as suas alegrias. Também esses esperam por nós.

O velhinho que nos quer contar as histórias da sua mocidade.

E aquela mulher doente que não pode atender ao marido, aos filhos, à casa...

Talvez a essa nós possamos ir ajudar. E fazer por ela os trabalhos que a Senhora fazia em Nata. Trabalho duro, por vezes. Mas que não tenhamos a tentação de pensar que não são para nós. Porque se eles podem, também nós podemos, a fim de que sejamos «tudo com todos».

E há os pequenitos que não têm quem olhe por eles, quem os ensine a brincar, quem lhes mostre as flores e as pedras, e refira todas as coisas ao Criador.

E há todos os outros que esperam que lhes mostremos Deus — porque nem só os pobres, os materialmente pobres, precisam de nós. Há os pobres de Amor, os pobres de Alegria, os pobres de Verdade.

E que em férias, Senhor, eu seja Amor para esses que não têm Amor. E seja alegria para os que a não têm. E seja Verdade para os que têm fome de Ti.

Que eles Te encontrem em mim — em cada gesto, em cada olhar, em cada palavra. E hão-de encontrar-Te na medida em que eu viver unida a Ti.

E saberão assim que há Caridade nas férias e que não há férias na Caridade.

**Maria Susana Gaspar de Almeida**

# Férias no Estrangeiro

\* **Em França**, a F. F. E. C. promove mais uma vez, este ano, os seus habituais Campos Internacionais de Montanha, para estudantes. Terão lugar junto do lago de Tignes (quatro Campos de 18 dias cada um, a partir de 8 de Julho) e em Champebrand (dois Campos também de 18 dias, a partir de 16 de Julho).

\* **Na Itália**, a F. U. C. I. abre aos estudantes de todos os países as chamadas «Case Alpine» — espécie de pousadas na montanha, onde podem passar-se alguns dias, ao preço de 1.000 liras diárias. Para raparigas, estarão abertas, durante o mês de Agosto, as casas de Cogne, Bar Ceniso e Colle St.<sup>a</sup> Lucia.

\* **Na Suíça**, sob o patrocínio de «Pax Romana», a Federação Suíça de Estudantes Católicos promove, de 1 a 15 de Agosto, um «Campo Internacional de Estudantes», em Gurt-Nellen, nos Alpes (região de S. Gotard). Será estudado o tema: «A nossa responsabilidade para com o próximo, como cristãos».

## XXIII Congresso Mundial de «Pax Romana»

As melhores férias passadas no estrangeiro, este ano, serão sem dúvida as do grupo de mais de trinta universitárias portuguesas que se deslocam a Inglaterra para tomar parte no Congresso Mundial (que será precedido dos trabalhos da Assembleia Internacional do M. I. E. C., a realizar em 15 e 16 de Agosto, também com a participação de delegadas da J. U. C. F.).

No entanto, não esqueçamos que o Congresso não deverá preencher apenas as férias daquelas que vão estar presentes em Nottingham; com efeito, ele tem de ser o principal centro de interesse para todas as jucistas, neste verão de 1955. Para as que estarão em Inglaterra, a responsabilidade enorme de participação activa e consciente nos trabalhos do Congresso, e do testemunho positivo que, sob todos os aspectos, tem de ser a sua presença — que é presença viva de Portugal — no meio de intelectuais e estudantes oriundos de todas as partes do mundo; para os que ficam, a responsabilidade não menor que lhes cabe de acompanharem eficazmente, em espírito e em verdade, pela oração e pelo estudo dos temas, o trabalho daquelas que a Inglaterra irão levar o contributo real de toda a J. U. C. F. para a construção da obra comum.



# Sobre o conceito de intelectual

Duas definições de «intelectual» ou de «cultura» são possíveis. A primeira refere-se à dimensão do homem pela qual ele é posto em condições de saber mais ou menos acerca de si mesmo e do próprio ambiente, e é capaz de actuar nele sem dificuldade, de propor-se fins a si próprio, de descobrir o sentido da sua própria acção e de lhe adequar os meios necessários. Neste sentido, a definição de cultura ou de homem culto tende a identificar-se com a de civilização ou de homem civilizado.

A definição mais específica diz respeito, explicitamente, à dimensão «teorética» do homem, à atitude pela qual ele se conhece a si mesmo e às coisas e se dá conta do real através de uma atitude crítica, isto é, justificando pontos de partida, passagens, conexões e resultados. Por isso o intelectual é aquele que interroga, aquele que está consciente, que sabe, que manifesta, que reconhece, que exprime. A sua acção é acção teorética.

## *A tarefa do intelectual: «definir» e «definir-se»*

Talvez nunca como hoje tenha surgido tão viva, tão sentida, a exigência de «definir-se»: a necessidade de encontrar para si próprio uma forma, um sentido, uma autonomia, e, portanto, uma função; de abrir para si um horizonte, de inserir-se num conjunto de possibilidades determinadas e concretas. Tal exigência é tão viva que todo o homem, enquanto tem uma «cultura» — ou, quando mais não seja, um conhecimento apenas elementar e genérico, alcançado por outros e por ele unicamente assinalado — tendo o homem, enquanto tem uma opinião ou pertence a uma opinião (a opinião pública), sente essa mesma exigência. E daqui nasce a tendência para formar grupos, para constituir comunidades, definidas profissionalmente, ou por tarefas, ou por interesses. O instinto de defesa de si mesmo e dos próprios interesses elementares entra, na verdade, em conta; mas, visto em profundidade, tem, contudo, um sentido de procura, de conquista de um conhecimento definido. Mais do que nunca, tal exigência norteia, hoje em dia, o intelectual, e, mais que nunca talvez, da sua satisfação dependerá a salvação da cultura. Encontramo-nos numa linha em que a diferença quantitativa — de grau — quase se torna qualitativa — de modo.

Sob certo aspecto, o intelectual não faz senão explicitar — exprimir sistematicamente, justificadamente — os resultados daquele «observar em redor» e daquele «olhar para dentro de si», que é próprio de cada homem. Sob outro aspecto, é mesmo esse seu «observar-se», com que se define a si e aos outros, que «define», qualifica, dá forma a esse mesmo «observar-se» e observar a todos. O intelectual exprime a sua época; mas, sobretudo, «exprime-se» na sua época, actua nela, dá-lhe uma fisionomia, projecta-se sobre ela. Neste sentido, é unicamente o intelectual quem pode e sabe «definir-se» e «definir»; porque é isto mesmo o que o especifica, a dimensão que o «define».

## *Relação com os valores e com a História*

Daqui nascem os vários problemas. Primeiro, acerca da legitimidade de uma «*intelligentia*», de intelectuais de profissão. Depois, acerca da tarefa que lhes cabe, acerca do lugar que terão na economia da humanidade. E ainda, acerca dos problemas que por eles podem ou devem ser encarados; acerca, mesmo, de saber se, verdadeiramente, eles encaram problemas. Finalmente, as relações entre pensamento e acção, entre liberdade e verdade, entre liberdade e serviço, entre verdade e história, entre investigação possível e investigação necessária, essencial — problemas da cultura e de cada cultura — afiguram-se concretamente como exigências de autonomia e de eficácia do intelectual.

Parece verificação de paradoxo aquela a que obriga qualquer época de cultura difusa — quer seja a época helenística, ou a época do cinema e das «*Seleções*»: quanto mais a cultura se situa ao alcance de todos, menos o homem culto, o intelectual em sentido restrito, é reconhecido na sua autêntica função e na sua importância. Descoberta do «*jogo*» e de mistérios fáceis e inúteis? Decadência qualitativa do intelectual e das suas capacidades? Abdicação, por parte da cultura, da sua identidade consigo mesma, ou seja, da sua forma «*teorética*», da sua capacidade iluminativa?

Com efeito, o homem tende a «*utilizar*», a transformar as coisas em instrumentos, a construir para si uma técnica. A relação do homem com o real — consigo próprio, acima de tudo — surge aqui complexa e difícil.

Fala-se, hoje, mais do que nunca, de valores. O que são, e qual a relação do homem com os valores? Podem inclinar-se muitos, genericamente e em planos diversos: a verdade, a bondade, a pessoa, a comunidade, a ciência, a arte, o amor, Deus. Diversas atitudes podem ser assumidas — e são-no, de facto — perante eles.

Para alguns, são aceites genericamente e confundidos numa ordem dispersa — pode dizer-se — sublimando-os sem haver a preocupação de justificá-los e de mostrá-los concretamente, isto é, de **determiná-los**. Entretanto, a vida continua noutros planos, noutras direcções, dentro daquela aceitação que dá tom, legitimidade e força. O intelectual vive, assim, do seu altar.

Outra atitude: a daqueles que se propõem encontrar os valores no seu verdadeiro sentido — ou seja, válido e «*significativo*» para cada um — explicitar os seus fundamentos, dar-lhes forma concreta, surpreender-lhes as possibilidades actuais de realização (é a eternidade manifestando-se historicamente, pode dizer-se).

Finalmente, para outros, podem ser aceites e modificados, atreçoando-os intimamente: puros instrumentos para a realização de alguma causa ou dos próprios interesses; transformando-os, portanto, em coisas: os homens, a cultura, o próprio Deus.

Podem reconhecer-se, nestas três atitudes, os polos entre os quais oscila o homem, de modo particular o intelectual: «*culturalismo*» e técni-



cismo — as duas formas de traição; procura, reconhecimento, amor — a difícil atitude de fidelidade.

Reconhecimento, consciência, sabedoria, são termos que indicam uma verdadeira e adequada relação: entre quem vê e quem é visto, entre aquele que conhece e aquele que é conhecido.

### *O fundamento teórico: a concepção do homem*

Trata-se, em primeiro lugar, de saber que coisa é o homem, quais as suas dimensões, os seus fins, os seus interesses. Será ele «filho de si mesmo», criador de si, dos outros, de tudo? Ou «encontra-se» no mundo, como ser entre as coisas e entre os seres, filho de um pai e obra de um Criador?

Temos de encarar estas perguntas, e indicar-lhes as soluções. A este respeito, duas direcções se encontram, que admitem qualquer atitude e todas as gradações. Reconhecer as possibilidades e a finalidade do homem, o seu valor e os seus limites, a sua segurança e a sua relatividade, reconhecendo assim a «alteridade»: o homem e os homens, o eu e o ser — caminho que termina em Deus. Ou então, negar os limites do homem ou as suas capacidades; despojá-lo de valor e de sentido; ou dar-lhe tudo, atribuir-lhe o absoluto, fazê-lo único, submetendo-lhe tudo — quer os homens, quer o ser, quer ele próprio. No limite, anular o homem ou torná-lo absoluto é a mesma coisa: desaparecem, simultaneamente, a determinação e o limite, a definição e a fundação, o sentido e as deficiências.

A resposta pode tornar-se, agora, um pouco mais clara e concreta. Legitimidade, missão, problema, autonomia, valor e dignidade do intelectual dependem do reconhecimento da «teoricidade» do homem, do valor peculiar — final e não apenas instrumental — da investigação, do conhecimento e da verdade. Dependem do reconhecimento, ou da cultura como «reconhecimento», como sabedoria, como consciência. Reconhecimento verdadeiro, do qual derivam consequências para a acção, mas que não esgota o próprio valor, nesse seu aspecto funcional para a acção, que realiza, e não absorve, não dissipa em si mesma — ao desenrolar-se — aquele que actua e os fins pelos quais ele actua; acção que é testemunho e serviço.

Nascerá a investigação de exigências da acção? Pode acontecer; mas isso não interessa aqui. Interessa mais o facto de que a investigação encontra, por vezes, alguma coisa anterior a si. E o que ela encontra toma o comando, e decide. E é isso o que vale.

«Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?» — (Mt., XVI, 26). E que quer dizer salvar a alma, senão realizar a própria vida?

«E a vida eterna é esta: que Te conheçam como único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste» — (Jo., XVII, 3).

**Pietro M. Toesca**

(Traduzido de «Ricerca», órgão da FUCI)

# Impressões da visita a uma fábrica



Há cerca de um mês fui em visita de estudo a uma fábrica. Quando de lá saí, vinha cheia. Queria hoje dizer-vos tudo quanto vi e senti; mas serei com certeza muito incompleta, visto que as palavras são normalmente insuficientes para traduzir os nossos sentimentos.

Chegámos ao largo de uma pequena povoação dos arredores. A um dos flancos, um muro enorme. Os meus colegas afirmaram logo que era ali. Na realidade era. Entrámos. Parece-me que tinha penetrado num mundo completamente diferente daquele em que vivo todos os dias. A primeira secção estava instalada num compartimento com máquinas gigantescas. O barulho era ensurdecedor. Fiquei meia atordoada. Depois, aos poucos, fui-me habituando. O engenheiro que nos acompanhava começou a explicar-nos o funcionamento de toda aquela aparelhagem e as diversas fases do ciclo produtivo — mexe-se aqui, levanta-se de acolá, mistura-se além...

Estas explicações eram, sem dúvida, muito interessantes; mas eu tinha ido com a ideia pré-concebida de tomar um pouco de contacto com os operários e operárias.

Reparei, então, naquela dezena de rostos que me pareciam parados, sem reacções. Nós tínhamos entrado, e eles olharam-nos como se nada vissem. Esses homens, essas mulheres, estavam já suficientemente maquinizados, suficientemente atordoados para que a simples aparição de uma dúzia de rapazes e raparigas os pudessem acordar. Traziam estampados o cansaço e o desinteresse.

Para mim, isto foi uma descoberta. Parece-me que, pela primeira vez, os senti verdadeiramente meus irmãos. Irmãos nesse abraço enorme com que Cristo nos une. Pareceu-me que estava mais apta, agora, a compreender os seus problemas, a vivê-los.

Talvez fruto deste estado de espírito, aproximei-me duma empregada.



Era uma rapariga nova, ainda, mas com aspecto de pessoa que já conhece as amarguras da vida: o cabelo oxigenado, e a boca muito pintalgada conseguiram apagar os últimos vestígios de frescura que lhe pudessem restar. Um operário dirigiu-se-lhe, disse-lhe qualquer coisa ao ouvido, e terminou dando-lhe uma palmada num braço. A rapariga soltou uma gargalhada sonora, de quem ri, porque não pode fazer outra coisa.

Aquela cena desagradou-me profundamente — a familiaridade do operário e o sorriso de intimidade com que a rapariga lhe respondeu.

Apesar disto, consegui perguntar-lhe como funcionavam os fios que ela manejava.

Dali, veio uma longa conversa: tinha 21 anos; viera da província, como criada de servir; deixara a casa para viver com um rapaz. Este abandonara-a no último mês de gravidez. Vira-se forçada a ir trabalhar para ela e para o filho.

— «Mas, (há sempre um mas) aquilo não chegava... compreende... Como já não tenho nada a perder...»

Eram estas as frases que ela me dirigia como quem constata um facto. «Tinha que ser...», «Já não tinha nada a perder...».

Pensei em todas nós. Pensei em todas elas; em todas aquelas que dizem isto. E senti quanta responsabilidade nos cabe, raparigas jucistas.

Todas nós responderemos por aquilo que nos cerca. E nós podíamos dar mais, por todas elas — dar, que mais não fosse em oração, em mortificação, por todas as que estão em idênticas circunstâncias. Lembrarmo-nos, não as esquecermos... Elas precisam de tudo aquilo que lhes possamos dar, — e precisam, sem dúvida, que rezemos muito.

A seguir outro compartimento. Uma temperatura escaldante. Era onde estava situado o forno que trabalhava em laboração contínua à temperatura de 1.500°. Os meus colegas escorriam. Os operários tinham o fato colado ao corpo pelo suor.

Olhei para todos eles, abismada, perguntando a mim própria, como era possível que seres humanos conseguissem suportar durante 8 horas consecutivas um inferno daqueles. Jam e vinham, como máquinas. Carregavam e descarregavam. Nem uma palavra, nem um gesto inútil. Nada que traduzisse o que lhes ia lá dentro. Bela lição de resignação, de aceitação.

E andamos nós, às vezes, aflitas, pensativas, desorientadas, só porque o tempo não chega, porque os exames apertam!

É preciso saber aceitar...

Mais adiante, uma secção inteiramente feminina. Uma operária despertou-me a atenção pelo seu ar de alegria.

Aproximei-me. Perguntei-lhe qual era o seu trabalho. Olhou-me com um sorriso, e disse: — «Quer ver? Então, olhe».

E sabem o que vi? Uma mulher de cabeça para baixo durante quase dez minutos, a calcar o fundo de um tanque de cimento. Era aquele o seu trabalho...

Nem me deixou perguntar-lhe por que estava ali. Ela mesma me

deu a explicação: — «Sabe, casámos. Queríamos ter muitos filhos. Mas o dinheiro não chegava... Cá estamos os dois. Sempre são 18\$00».

E para ganhar 18\$00 por dia, tinha aquela mulher apanhado um eczema nas mãos, e estava de cabeça para baixo durante quase todo o dia!... E sentia-se feliz — tinha o marido, os filhos...

É bem certo que a casa de Deus tem muitas moradas...

Finalmente ,chegámos à cantina. Uma sala de bancos corridos, com mesas de pedra. Nada mais. Nem uma toalha. Nem uma flor. Nada que desse ao ambiente um pouco de aconchego, de alegria.

Era para aqueles que lá queriam comer.

Os outros iam para os pátios. E aí homens e mulheres, num à vontade extremo, comiam. Era o caminho mais fácil para se chegar ao primeiro caso que vos contei.

Uma pergunta havia imenso tempo que me estava a aflorar aos lábios. Não a retive mais. Procurei o engenheiro, e fi-la: — «Então, a acção social? Não há uma assistente?».

Ele olhou-me como se eu fosse uma criança. E, com ar de quem já tinha aprendido tudo quanto a vida pode ensinar, respondeu:

— «Oh, minha senhora, a acção social aqui faço-a eu! É pagar-lhes o salário. É a única acção social que se pode fazer verdadeiramente eficaz.»

Tive vontade de lhe gritar bem alto, se ele pensava que todos os problemas, que todas as dores, que todas as angústias, se traduziam numa cifra. Queria também perguntar-lhe, se ele, num momento de solidão, de abandono, não preferiria uma palavra, o carinho de alguém que se interessasse pelo seu estado, às notas de mil escudos acumuladas num Banco! Eu bem sei que pagar um salário justo é fazer acção social. Será talvez o primeiro passo, porque os problemas sociais não podem resolver-se com medidas particulares, com medidas para «casos». São problemas de ordem geral, que, portanto, carecem de soluções gerais também.

O salário justo é uma delas. Mas será a única? Não. As almas não podem ser esquecidas. E estas não se curam com medidas de ordem geral. Os problemas da alma exigem forçosamente a medida individual.

Era isto que eu queria ter-lhe dito. Mas não era, então, a altura mais oportuna para ser ouvida.

Quando saí para a rua, e vi o céu tão azul, tive a certeza de que Ele não dormia, de que Ele sabia, e de que Ele compreendia tudo quanto eu sentia...

Foi esta a minha visita. Poderia ter-vos falado do aspecto económico. Preferi falar-vos do aspecto humano. Disse-vos muito pouco, em comparação com o que aprendi.

Nós, muitas vezes, falamos de problemas sociais, dos problemas desta ou daquela classe, mas sempre num plano demasiado teórico. Falta-nos aquele vibrar e viver cada um dos problemas. Vibração e vivência que só se conseguem pela penetração nos próprios meios, pelo contacto directo e... pelo Amor.

Helena Sacadura Cabral



# Férias em Portugal

Não obstante os anos que passaram eu creio firmemente que existe no fundo de cada uma de nós, muito daquela curiosidade infantil que nos levava, ainda ao colo de nossa mãe, a perguntar-lhe de que era feita a lua, por que era redonda, e, mais tarde, a despedaçar o palhaço de trapos ou o brinquedo de corda para «ver como era por dentro». Mais: eu creio que revive ainda em nós o desejo enorme da aventura, a ânsia da descoberta que são, afinal, a marca mais evidente da nossa própria juventude. E o tempo de férias, tempo de recuperação, de autenticidade, de aprofundamento, é, apesar de toda a superficialidade e dinamismo dos tempos que passam, uma ocasião única de deixarmos recapitular em nós, a criança bulhosa de outros tempos, insistente de «porquês» e de «comos», essa juventude sedenta de mistério, que nos impele a mergulhar fundo no mundo das almas e no mundo da natureza e das coisas e a repetir: o quê? porquê? como?...

Estou-me a lembrar, muito precisamente, de ti, universitária, que reservaste nos teus planos de férias, um bom lugar para conhecer Portugal. Aconselho-te a interrogar-te, na simplicidade das crianças: Portugal o que é? como? porquê? E na medida do teu interesse e do teu esforço encontrarás uma resposta bem diversa talvez daquela que hoje imaginas: verás surgir-te um Portugal diferente daquele a que te habituaste nas cartas corográficas, nos compêndios de história, nos slogans estafados da propaganda turística, nos lugares-comuns dos discursos patrióticos, na tua própria pseudo-crítica de pessoa que se convenceu que «só lá fora é que tudo é bom».

Assim, pois, quer instalada em aldeias ou cidades, quer a percorrer umas e outras, lança-te à descoberta dum Portugal autêntico!

Primeiramente, entende a mensagem do nosso povo e apreende-a na sua simplicidade natural, que não busca subterfúgios de palavras, nem duplicidade de atitudes: este povo sincero, que não tenta parecer o que não é, não teme mostrar, na sua primitiva rudeza embora, aquilo que sabe ser. Exemplo maravilhoso perante o qual nós, tributários do artificialismo da sociedade de que fazemos parte, não podemos deixar de o sentir como estímulo para a nossa própria e verdadeira revelação.

Outro estímulo não menor é a mensagem de harmonia, de ordem, que a paisagem diversa nos transmite; na sua espontaneidade encontramos uma fonte de equilíbrio e de paz interior. Deixa-te, pois, penetrar da suavidade dos vastos horizontes — uma aurora, um pôr-do-sol... — não temas que vozes prosaicas te denominem «espírito do século romântico» — acaso receias que se revele a comunhão de Infinito e de Beleza que existem no mistério da Natureza e no fundo da tua alma?...

Talvez estejas nalguma aldeia entre montanhas: escuta o apelo silencioso das alturas que te cercam e, ao contemplar o cume das serranias e as vertentes escaldadas, não receies deixar-te subir...

Talvez estejas nalguma vila à beira do mar, no contacto diário com a faina rude dos pescadores: procura entender em cada ruga dos seus rostos, a denúncia de uma vida dura como os rochedos que os cercam, ameaçadora como o quebrar ruidoso das vagas. E lembra-te da tua vida fácil, amolecida, ausente de renúncia e de morte...

Talvez te encontres na vastidão da planície, meia atordoada pelo calor intenso e pelo brilho ofuscante do sol: aceita a sugestão de paz, de tranquilidade profunda, que se desprende do cantar dolente dos homens e das dimensões vastas da campina...

Talvez tenhas de passar as tuas férias nalguma cidade de província, vinculada a praxes e preconceitos: faz que a tua presença a liberte das coisas inúteis, revigore a letra morta, dando vida e tom àquilo que na tradição é eternamente jovem.

Crê que desde a aldeia mergulhada nos vales, à cidade ruidosa e movimentada, é Portugal que te fala... Porque não o escutas?...

Por onde quer que passes, escuta a linguagem silenciosa das pedras que evocam as glórias dum passado: visita antigos castelos, museus, palácios, mas não com o mesmo ar rotineiro e indiferente com que o turista lança a tiracolo o seu «kodak» e o estojo do binóculo; fá-lo antes como quem vai folheando, cheio de veneração, as páginas da História. Entende a austeridade imensa das grandes catedrais, o silêncio fecundo dos mosteiros e conventos. Deixa-te penetrar da espiritualidade que envolve a pequenina ermida no topo da colina ou o cruzeiro florido que se ergue à beira do caminho. Detém-te junto à lápide evocativa, ao memorial, àquela casa onde uma inscrição, talvez, já desvanecida, faz recordar que ali viveu ou morreu alguém, que teve a audácia de cortar com a banalidade, porque sabia que valia a pena ser diferente. Aproxima-te de casinha humilde caiada de branco e repara na trepadeira em flor, que teima em ser fiel à casa que lhe deu apoio; repara no telhado rubro coroadado de abóboras, no cão de guarda que vigia no terreiro o redil que fica algures. E lá dentro, são os cobres luzentes, as velhas arcas que encerraram já os tesouros de muitas gerações...

Lembras-te daqueles tempos em que papagueavas de cor e salteado os nomes dos relevos, rios, cabos, baías da nossa terra? Recapitula agora, ao vivo, essa lição que já esqueceste: pouco importará saber apenas que este ou aquele rio e monte existem perto desta ou daquela povoação — do mesmo modo que pouco interessa olhar uns ou outros apenas como lugares óptimos para substituírem a piscina ou para se pescar salmões e fazer pic-nics. Aprende a olhá-los com a alma toda, ciosa de cor, do que é belo e bom e novo — verás como há em cada retorno da corrente, como em cada corola que se abre para o céu, uma palavra que ainda não ouviste: é Portugal que te fala — porque não o escutas?...

E fala-te ainda noutra linguagem: na variedade etnográfica das suas províncias, na riqueza folclórica dos seus costumes e hábitos de vida, no colorido dos seus trajos, na tradição das suas festas e romarias, na alegria dos seus cantares, nas suas lendas impressionantes de simplicidade ou de mistério. E se atenderes ao léxico e à sua variedade consoante as regiões, surpreender-te-ão particularidades curiosas, que não poderão deixar de te interessar. O mesmo se pode dizer acerca da arte: desde as filigranas, à cerâmica, à tecelagem — para não falar em tantas outras indústrias caseiras — abre-se um campo vasto onde poderás ir, pouco a pouco, coleccionando dados preciosos para a tua bagagem cultural. À maneira de sugestão, queria dizer-te que não deixes de ir diáriamente, durante as férias, apontando as tuas impressões sobre os contactos com as pessoas e as coisas.

Repara agora: para que se cumpra tudo o que aqui fica escrito, torna-se necessária uma especial disposição de espírito. Antes de mais, um real interesse por Portugal, um forte sentido de observação, uma simplicidade pessoal que faz tábua rasa de todos os intelectualismos e orgulhos, sobretudo, uma alma aberta, compreensiva, ardente, ansiosa de serviço e de oferta. Se quiseses em verdade reconhecer Portugal tal como é, não podes deixar de te sentir invadida por um sentimento de patriotismo autêntico, que não é feito de falsos partidarismos, nem construído à base de fórmulas de retórica, nem é apenas o aspecto natural que liga entre si os que pertencem à mesma nação e falam a mesma língua. Para além desse afecto, verás que existe um imperativo de justiça, um dever de retribuição que reclama a cada passo a resposta do teu próprio eu ao muito que recebes dos outros. Consciente duma dívida social, que urge satisfazer, a tua atitude só pode ser de doação, de oferta. Não será a tua própria vida, para alguém dum dom de Deus e dos Pais, um dom da Pátria? Se o amor de Deus e da família progride na medida do conhecimento da Sua grandeza e da grandeza da Sua obra, também o amor pela Pátria, traduzido em generosidade, crescerá na medida em que a conhecermos melhor. E se é verdade que nos pode elevar o contacto directo com o que é belo e nobre, na nossa terra, é igualmente verdade que a serviremos tanto mais perfeitamente, quanto mais perfeita for a nossa vida. Eis porque, em última análise, este tempo de férias, escolhido por ti para a aventura de descobrir o «como» e o «porquê» deste Portugal que é nosso, se há-de traduzir em elevação, em valorização, direi mesmo em **devoção** — não apenas porque escutando Portugal na sua beleza imensa te hás-de sentir atirada mais para Deus, mas também porque na necessidade de uma perfeita retribuição, te vais esforçar e lutar por ser **mais de Deus...** Por isso direi: através de Portugal, é Deus que te fala: Escuta-O...!!

Maria Joana Emiliano

## Charles Péguy

Na economia da vida afectiva acontece, por vezes, que as grandes amizades humanas se constroem lenta, e por isso mais sòlidamente, depois de vencido um pequeno desajuste inicial.

Assim, os laços que nos vinculam aos mestres do pensamento de quem a nossa inteligência, um dia, consentiu em fazer amigos.

Sugere-se o paralelo como medida de precaução para qualquer desencontro que se possa dar entre Péguy e o seu leitor desprevenido.

De facto, quem traga os olhos e os ouvidos habituados às harmonias plásticas e auditivas de um Claudel ou de um Paul Verlaine, sofrerá certa desilusão à primeira leitura de qualquer dos Mistérios de Charles Péguy: a voz áspera do camponês que desdenha todos os artifícios estilísticos, soar-lhe-á talvez, desagradavelmente.

Mas a sinceridade da sua expressão, o próprio desatavio da forma, hão-de acabar por cicatrizar a ligeira escoriação feita na sensibilidade de quem não perdeu ainda o vício de procurar na poesia, um prazer demasiado sensível; a amizade principiará a formar-se, e durará, por certo, uma vida inteira.

Nasido em 1873, na cidade de Orléans, de uma família modestíssima de agricultores e operários (a mãe empalhava cadeiras), Charles Péguy, apesar dos seus estudos no Escola Normal Superior, conserva em tudo os traços psicológicos do homem do campo. É rudemente sincero, desconfiado até à bisonhice perante o que lhe pareça especulação intelectual, para ele desnecessária, daí provindo o exagero da sua antipatia pelos teólogos, por exemplo.

O amor que lhe transborda do peito, vai todo inteiro para o que se lhe apresenta grandioso mas extremamente simples. Não admira, pois, que os temas constantes de inspiração sejam nele a Criança, a Catedral e a Terra, por onde circula a vivificá-los a presença de Deus, a Caridade e a Esperança.

Detenhamo-nos, de preferência, nesta última cuja meditação lhe mereceu «Le Porche du Mystère de la Deuxième Vertu».

A obra é extensa, e, contudo, Péguy apenas se considera entrado no pórtico de tal modo as dimensões dessa virtude se lhe afiguram infinitas. O próprio Deus se admira da existência duma «petite fille de rien du tout» que sustenta o mundo!

Ao longo de todo o poema, com aqueles seus vagares de velho aldeão que repisa incansável e monòtonamente as palavras e as ideias para lhes tomar bem o sabor e o peso, e para fazer apreciar devidamente



o seu valor ao que as vai receber, Péguy desfia, quase sem transição de um para outro, os capítulos dessa meditação sobre a Esperança: considerada em si mesmo, nas crianças como continuidade da raça e da Cristandade, em Maria, em Jesus, nas nossas tarefas sobrenaturais, em Deus, na França; sempre com a mesma naturalidade de quem diz coisas evidentes, eternamente conhecidas.

Enquadra-se numa trilogia, em que é precedido pelo «Mystère de la Charité de Jeanne d'Arc», e seguido pelo «Mystère des Saints Innocents», dois diálogos quase monologados (tal a extensão de cada tirada) através dos quais se comentam cenas do Velho e do Novo Testamento.

«Les Tapisseries» e «Ève» enfermam, talvez, de uma excessiva fidelidade às regras clássicas; mas, se a exactidão dos alexandrinos arrefece, um tanto, o trágico lamento que Péguy dirige a Deus por si e por nós, criaturas de terra e da terra, pecadores e miseráveis, certa solenidade não destoia nos grandes painéis que representam os santos de França.

Mas Péguy não foi somente o poeta. A paixão de justiça que o atormentou, conduziu-o à publicação dos «Cahiers de la Quinzaine», onde, durante quinze anos, debateu exaustivamente, através das maiores dificuldades económicas, os problemas sociais, artísticos, políticos da vida francesa e internacional do seu tempo.

Em conclusão, diremos que Charles Péguy soube descobrir a aliança entre o realismo expressional e o mais exaltado ardor místico (dificilmente se apaga da mente de quem ler «Le Mystère de la Charité de Jeanne d'Arc», a figura trágicamente humana de Maria, Mãe de Jesus, desfigurada pelo pranto de vinte e quatro horas de angústia, e contudo radiosamente sobrenatural), e isto porque há estava na alma o segredo que fez do neto de camponeses um peladino medieval pronto a bater-se por todas as causas perdidas e grandes.

Ferido mortalmente logo no início da guerra de 1914, recusando deitar-se até ao último instante, a sua morte é o remate lógico de uma vida consumida em Ideal. Que mais bela a poderia ter, algum dia, sonhado?

Maria Isabel de Mendonça Soares

*«Il y a quelque chose de pire que d'avoir une mauvaise pensée, c'est d'avoir une pensée toute faite. Il y a pire que d'avoir une mauvaise âme, c'est d'avoir une âme toute faite. Il y a pire que d'avoir une âme perverse, c'est d'avoir une âme habituée.»*

CHARLES PÉGUY

# Noticias de todo o mundo

\*\* A FUCI, durante o ano corrente, tomou para tema de estudo «A vida religiosa no mundo contemporâneo» — tema que foi discutido principalmente em assembleias realizadas depois da Páscoa, em vários centros.

No seu próximo Congresso Nacional — o XXXIII — a realizar de 1 a 5 de Setembro em Trieste, será estudada «A função do intelectual na sociedade contemporânea». (A este respeito, informamos que a FUCI convidou a tomar parte neste Congresso um membro da JUCF, a quem oferece amavelmente a estadia em Trieste por essa ocasião. Se alguma juísta tiver possibilidade de aceder a este convite, deverá, para esse efeito, entrar em contacto com a Responsável de «Pax Romana» na D. G., o mais rapidamente possível).

\*\* A Universidade Católica Japonesa «Sophia» celebrou, recentemente, o seu 41.º aniversário. Das comemorações solenes, que então se realizaram, destaca-se uma notável sessão académica em honra de S. Pio X, que foi o primeiro inspirador da ideia da fundação daquela Universidade.

\*\* Outra notícia do Japão: as estudantes católicas de «Tokio Woman's Christian College» escreveram directamente à JUCF a dar conta das suas principais actividades, entre as quais se inclui a realização no próximo outono — à semelhança dos anos anteriores — de um Festival de Estudantes, cujo programa, este ano, vai ser um documentário de aspectos da vida católica e da acção dos católicos em numerosos países, com vista a uma demonstração, na ordem concreta, dos caracteres gerais que definem a universalidade da Igreja.

A JUCF — acedendo ao pedido que lhe foi feito por aquele grupo de estudantes — dá também a sua colaboração indirecta a esta iniciativa, enviando alguns dados concretos e actuais acerca da vida e acção dos católicos em Portugal, nomeadamente no que respeita ao sector universitário, que particularmente interessa a aquele Festival.

\*\* A última assembleia nacional da UFEC do México teve como tema de estudo: «A presença da jovem católica no meio estudantil» — assunto a partir do qual foram desenvolvidos vários aspectos, tais como: «A situação actual da jovem estudante»; «Fisionomia moral da estudante integralmente católica»; «Missão da UFEC no meio estudantil».

\*\* Realiza-se de 30 de Julho a 8 de Agosto, em Salzburg (Áustria) uma «Semana Internacional de Arte Sacra», cujo programa tem por objectivo essencial o aprofundamento da formação litúrgica, relacionada com uma boa formação musical.



**Página**  
**de**  
**Antologia**

«... on me dit qu'il y a des hommes  
qui travaillent bien et dorment mal.  
Qui ne dorment pas. Quel manque de confiance  
en moi.  
C'est presque plus grave que s'ils travaillaient mal  
mais dormaient bien.  
Que s'ils ne travaillaient pas mais dormaient, car  
la paresse  
n'est pas un plus grand péché que l'inquiétude.  
Et que le désespoir et le manque de confiance  
en moi.  
Je ne parle pas, dit Dieu, de ces hommes  
qui ne travaillent pas et qui ne dorment pas.  
Ceux-là sont des pécheurs, c'est entendu. C'est  
bien fait pour eux. Des grands pécheurs. Ils  
n'ont qu'à travailler.  
Je parle de ceux qui travaillent et qui ne dorment  
pas.  
Je les plains. Je parle de ceux qui travaillent, et  
qui ainsi  
en ceci suivent mon commandement, les pauvres  
enfants.  
Et qui d'autre part n'ont pas le courage, n'ont pas  
la confiance, ne dorment pas.  
Je les plains. Je leur en veux. Un peu. Ils ne me  
font pas confiance.  
Comme l'enfant se couche innocent dans les bras  
de sa mère ainsi ils ne couchent point,  
innocents dans les bras de ma Providence.  
Ils ont le courage de travailler. Ils n'ont pas  
le courage de ne rien faire.  
Ils ont la vertu de travailler. Ils n'ont  
pas la vertu de ne rien faire.

.....  
Celui que ne dort pas est infidèle à l'Espérance.  
Et c'est la plus grande infidélité.»

CHARLES PÉGUY, in «Le Porche du Mystère  
de la Deuxième Vertu»



## **PRESENÇA**

EDIÇÃO DA DIRECÇÃO GERAL DA J. U. C. F.  
Avenida Duque de Loulé, 90, r/c-D. — Lisboa

Com aprovação eclesiástica

Composto e impresso nas Oficinas d. José

Fundação Cuidar o Futuro